

“QUEM NÃO LUTA TÁ MORTO”

Era o Hotel Cambridge. Direção de Eliane Caffé. Recife: Aurora Filmes, 2016. DVD (93 min).

Era o Hotel Cambridge proporciona uma experiência multifacetada, convocando à reflexão sobre diferentes temas e abordagens a despeito do foco em um assunto tão específico como o drama de sujeitos ocupantes do edifício abandonado no centro da cidade de São Paulo, dentre os quais refugiados. Trata-se de uma produção marcadamente polifônica – favorecida pelo gênero cinematográfico em questão –, cujas fronteiras são permanentemente embaralhadas: registro documental, ficção e autoficção. Paradigmática, nesse sentido, é a presença de várias vozes, com sujeitos falantes de línguas diversas, em suas aproximações e distanciamentos. É que, se “somos todos refugiados” – como enunciado em uma das assembleias retratadas na película por alusão ao estatuto de desprovidos do direito à moradia –, o objetivo comum da luta não é suficiente para apagar as particularidades de sujeitos que passam por experiências radicais de abandono forçado de seu repertório identificatório, conforme se destaca entre refugiados. Essa condição específica norteará o meu comentário, à luz dos afetos despertados em mim pelo filme em questão.

Tento, portanto, seguir as belas pistas de Clarice Lispector (2017) e escrever com o corpo, orientada por própria trajetória, por meu repertório de identificações. Desde a primeira vez em que assisti ao filme de Eliane Caffé, fiquei me perguntando sobre o refúgio no Brasil e a(s) leitura(s) que a psicanálise poderia fazer do fenômeno, já que se trata de um campo igualmente polifônico, com múltiplas perspectivas. Impossível não lembrar do próprio Freud, de origem judia, obrigado a deixar sua terra natal com a ascensão de Hitler. O pai da psicanálise termina seus dias em Londres, experimentando intensa ambivalência por estar livre da ameaça nazista, porém apartado da terra em que se enraizara: “‘O sentimento de libertação’, iria escrever em sua primeira carta de Londres, ‘vem muito intensamente mesclado com a tristeza, pois ainda amava-se muito a prisão da qual se fora libertado’” (GAY, 2005, p. 568).

Essa ambivalência é sensivelmente retratada em *Era o Hotel Cambridge*, com relevo para os diálogos *online* entre refugiados e parentes distantes. Por um lado, o alívio por ter conseguido escapar dos horrores da guerra; por outro, a devastação por ter deixado familiares, residência e a própria língua outrora facilmente compartilhada. Um dos refugiados do Congo se utiliza de um celular para ver a foto do filho que ficou para trás, aparelho icônico da indústria eletrônica alimentada pelos conflitos em seu país de origem. Cabe a outro personagem, também congolês, juntar as peças do mosaico bélico para o espectador: “Isso aqui [*smartphone*] que todo mundo usa, será que vem no manual de instrução que é feito de minerais de sangue?”.

Soma-se à aludida devastação a exigência de lutar a cada dia, no Brasil, por sua própria existência, dadas as precárias condições materiais em que vivem muitos refugiados em nosso país¹. “Quem não luta tá morto”, lembra a convocação de Carmen da Silva Ferreira, líder do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC) e uma das protagonistas do filme. Luta por condições básicas de sobrevivência, nas quais figura o direito à moradia, mas também pela possibilidade de existir, por assim dizer, psicicamente.

A psicanalista Miriam Debieux Rosa (2016) aponta as singularidades de uma prática psicanalítica clínico-política, dedicada a sujeitos afetados por situações sociais críticas, como é o caso dos refugiados. Nos termos da autora, o que está em baila é uma escuta psicanalítica das vidas secas, qual seja, a de sujeitos vivendo em situação de miserabilidade e que passaram por experiências desenraizantes, pois “a dimensão do perdido e a dificuldade de se localizar no mundo toma um lugar primordial e podem promover efeitos de desenraizamento ou de desterritorialização” (ROSA *et al.*, 2009, p. 501).

Um dos operadores conceituais para pensar sobre essa clínica é o trauma, importante desde a obra freudiana e de caráter polissêmico no movimento psicanalítico. Em linhas gerais, é possível tomá-lo como resultado de uma experiência disruptiva, cujo predicado excessivo ultrapassa as estratégias defensivas correntemente utilizadas pelo sujeito. Gostaria de destacar aqui a ameaça ao repertório de identificações do qual o sujeito se utiliza para a construção de si, à identidade (imaginária) de que lançamos mão para nos situar no mundo. Identidade sempre claudicante, fugaz, mas que serve de estofamento para

experimentarmos o sentimento de continuidade da nossa existência. Esse tecido identitário parece especialmente ameaçado em se tratando de refugiados, preconizando a exigência de que a psicanálise se ocupe de suas vicissitudes sem subsumi-las à premissa de um trauma estrutural e partilhado por todos. O “somos todos refugiados” não deve, assim, apagar as peculiares marcas da errância de uma migração forçada, tampouco analisá-las à luz da psicanálise encastelada na prática privatista de consultório.

Para apresentar os mecanismos psíquicos em jogo no trauma e seus possíveis destinos na situação de migração forçada, retomo as considerações do psicanalista húngaro Sándor Ferenczi, representante da primeira geração de psicanalistas, cuja obra alça o trauma ao estatuto de personagem principal. Se tento escrever com o corpo, nada mais coerente do que lançar mão (escuta, olhar e afetos) da referência responsável por me (re)endereçar insistentemente à psicanálise, marcada que sua obra é por uma escuta sensível e atenta ao sofrimento de seus pacientes.

Ferenczi discorre sobre o trauma a partir de um mito em que uma criança é violentada por um adulto. Para compreendê-lo, é preciso ter em conta que há uma *confusão de língua* entre a linguagem da ternura e aquela da paixão (FERENCZI, 1992). A criança se apresenta de maneira lúdica, com um modo de operar da sexualidade ainda não organizado sob o primado da genitalidade. O adulto, por sua vez, confunde a ternura da criança com a sedução genital e, assim, a violenta. O psicanalista húngaro vai além da cena do abuso sexual e desdobra o mito em outro momento: a criança busca compreender o ocorrido e endereça sua incompreensão a um segundo adulto, na expectativa de circunscrever seu sofrimento a algum sentido que lhe teria faltado. Esse adulto desautoriza o evento, desmentindo o relato da criança e desqualificando, em última instância, a sua experiência.

Gondar (2017) se utiliza da teoria ferencziana acerca do trauma para falar sobre a experiência da tortura e dos campos de concentração, pois são situações em que “estão sendo desmentidos os valores e as referências de mundo que o sujeito possui e sobre os quais seu psiquismo está estruturado; é o próprio sujeito, portanto, que está sendo desautorizado a existir enquanto tal” (p. 93). Proponho que também a experiência dos refugiados possa ser incluída nessa chave de leitura: forçados a deixar seus países, suas referências, suas línguas, chegam ao

Brasil na expectativa de melhores condições e, não raras vezes, têm suas existências desautorizadas.

Nesse sentido, é oportuna a indicação de Anunciação (2018) sobre o risco de silenciamento das línguas de que fazem uso os refugiados, caso o português lhes seja imputado a *fórceps*, como a língua por excelência – hierarquicamente situada –, e não como uma língua a mais, adicional, no repertório linguístico desses sujeitos. Sobre esse aspecto, o embaralhamento das fronteiras desponta, mais uma vez, como importante recurso em *Era o Hotel Cambridge*, evidente na cena em que falantes de diferentes línguas delas se utilizam de modo lúdico para apresentar iguarias de suas culturas. São fronteiras porosas, sem um escalonamento entre as palavras pronunciadas, favorecendo a agradável surpresa potencialmente presente em todo e qualquer contato com a alteridade. No lugar da confusão de línguas – para tomar de empréstimo a expressão ferencziana –, línguas soltas, múltiplas, polifônicas.

Em contrapartida, quando o encontro com o outro se transmuta em desmentido, o sujeito precisa lutar pela possibilidade de continuar existindo. “Quem não luta tá morto”. Uma das estratégias decorrentes da experiência traumática é a clivagem do eu, instância que se divide na tentativa de preservação do psiquismo. É como se uma parte do eu ficasse anestesiada, permitindo-lhe o contato com o mundo, ao passo que a outra continua a sentir, conservando a criança violentada sem, no entanto, notícias da parte que só sabe sem sentir. São sujeitos ausentes de si mesmo, afirma Ferenczi (1990), em decorrência do abandono de importante parte de si. É o que pode explicar o fato de o mesmo personagem que acaricia a imagem de seu filho através da tela do *smartphone* a ele se referir como um menino qualquer em diálogo com seu irmão no Congo. Diante do espanto do irmão, o refugiado chega a colocar em dúvida até mesmo a paternidade do *petit garçon*. “Ele tem a sua cara!”, retruca o irmão, como se ao personagem estivesse cassada a possibilidade de se reconhecer, seja a si mesmo, seja a seu filho.

Era o Hotel Cambridge convoca a realçar a polifonia, as diferentes vozes e línguas que compõem o Brasil. Nada mais atual e necessário, considerando a ameaça à multiplicidade que se avizinha, dia após dia, quando reverberam discursos que se dizem abertamente partidários do Um (CANAVÊZ, 2012). Em alguma medida, sou obrigada a concordar: “somos todos refugiados” no Brasil contemporâneo.

Fernanda Canavêz

Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora do Departamento de Psicologia Clínica - Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF).

Referências bibliográficas

- ANUNCIAÇÃO, R. F. M. (2018). “A língua que acolhe pode silenciar? Reflexões sobre o conceito de ‘português como língua de acolhimento’”. In: *Revista X*, v. 13, n. 1, p. 35-56.
- BRASIL. (2018). Ministério da Justiça. Comitê Nacional para os Refugiados / Secretaria Nacional de Justiça. *Refúgio em números*. 3ª ed. Disponível em <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/anexos/refasgio-em-nasmeros_1104.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2019.
- CANAVÊZ, F. (2012). *Violência, trauma e resistência: sobre o múltiplo na psicanálise*. Tese. Doutorado em Teoria Psicanalítica. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- FERENCZI, S. (1990). *Diário Clínico*. Trad. Álvaro Cabral, São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1932).
- _____. (1992). “Confusão de língua entre os adultos e a criança”. In: FERENCZI, S. *Obras Completas. Psicanálise IV*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 347-356. (Original publicado em 1933).
- GAY, P. (2005). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 14ª ed.
- GONDAR, J. (2017). “O desmentido e a zona cinzenta”. In: REIS, E.S. & GONDAR, J. *Com Ferenczi: clínica, subjetivação, política*. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 89-100.
- LISPECTOR, C. (2017). *A hora da estrela: edição com manuscritos e ensaios inéditos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- ROSA, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta.
- _____; BERTA, S. L.; CARIGNATO, T. T. & ALENCAR, S. (2009). “A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a

prática psicanalítica clínico-política”. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, n. 3, v. 12, p. 497-511.

Nota

¹ Vale deixar sinalizada a dificuldade para encontrar pesquisas que descrevam como vivem os refugiados no Brasil. Os dados oficiais costumam versar apenas sobre certos dados sociodemográficos, como perfil etário e país de origem (BRASIL, 2018), passando ao largo de indicativos passíveis de retratar a vulnerabilidade de sua situação em nosso país.